

Cadernos
IHU *ideias*



ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
Ano 14 • n° 237 • vol. 14 • 2016



Paul Feyerabend e *Contra o Método*:
Quarenta Anos do Início de uma Provocação

Halina Macedo Leal

Paul Feyerabend e *Contra o Método*:
Quarenta Anos do Início de uma Provocação
Paul Feyerabend and Against Method:
Forty Years since the Beginning of a Provocation

Halina Macedo Leal

Resumo

A obra *Contra o Método*, de Paul Feyerabend, é um marco nas reflexões da Filosofia e História das Ciências. Na referida obra, o autor critica a defesa de um modelo racional universalista para a ciência e revela novos possíveis caminhos de interação de padrões abstratos com a multiplicidade da prática científica. No decorrer das três edições do texto, Feyerabend lapida sua crítica e molda sua própria visão de ciência e racionalidade. No presente artigo, da comparação da primeira com a terceira edição de *Contra o Método*, serão apresentadas modificações formais no texto assim como o reflexo destas modificações no contexto argumentativo da obra. O objetivo é mostrar a atualidade do texto feyerabendiano, mesmo depois de quarenta anos de sua primeira publicação, salientando a dinamicidade, minúcia, crítica e autocrítica de Feyerabend com relação à ciência e às suas próprias reflexões.

Palavras-chave: Paul Feyerabend, *Contra o Método*, Ciência, Método, Racionalidade.

Abstract

The work *Against Method* by Paul Feyerabend is a landmark in the reflections of the Philosophy and History of Science. In it, the author criticizes the defense of a universalistic rational model for science and proposes new possible paths of interaction of abstract patterns with the multiplicity of scientific practice. In the three editions of the book Feyerabend refines his critique and shapes his own view on science and rationality. This article, which compares the first with the third edition of *Against Method*, discusses formal modifications in the text and the consequences of these modifications on the work's argumentative context. Its goal is to show the present relevance of Feyerabend's text, even after forty years after it was first published, highlighting its dynamic, minute, critical and self-critical character in relation to science and Feyerabend's own reflections.

Keywords: Paul Feyerabend, *Against Method*, science, method, rationality.

Cadernos
IHU *ideias*

**Paul Feyerabend e *Contra o Método*:
Quarenta Anos do Início de uma Provocação**

Halina Macedo Leal

ISSN 1679-0316 (impresso) • ISSN 2448-0304 (online)
ano 14 • nº 237 • vol. 14 • 2016

 UNISINOS

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS 

Cadernos IHU ideias é uma publicação quinzenal impressa e digital do **Instituto Humanitas Unisinos** – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor: José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo: Jacinto Schneider

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XIV – Nº 237 – V. 14 – 2016

ISSN 1679-0316 (impresso)

ISSN 2448-0304 (online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial: Lic. Átila Alexius; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. MS Gilberto Antônio Faggion; Prof. MS Lucas Henrique da Luz; MS Marcia Rosane Junges; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Responsável técnico: Lic. Átila Alexius

Imagem da capa: Natália Scholz

Revisão: Carla Bigliardi

Editoração eletrônica: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2003)- . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .
v.
Quinzenal (durante o ano letivo).
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 11, n. 204 (2013).
ISSN 1679-0316
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.
CDU 316
1
32

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

ISSN 1679-0316 (impresso)

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos IHU ideias:

Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

PAUL FEYERABEND E *CONTRA O MÉTODO*: QUARENTA ANOS DO INÍCIO DE UMA PROVOCAÇÃO

Halina Macedo Leal

Introdução

O ano de 2015 aniversário de quarenta anos da publicação da primeira edição do livro *Contra o Método*, de Paul Karl Feyerabend (1924-1994). A contribuição das ideias de Feyerabend para as discussões de Filosofia e História das Ciências é inegável, assim como a importância da referida obra para o movimento de consideração e análise da relação entre uma concepção de ciência abstrata e a dinâmica das comunidades científicas.

O estilo polêmico, provocador e crítico do pensador com relação a metodologias científicas ditas universalistas se revela tanto no caminho argumentativo que ele percorre (com uma postura de “terrorista” epistemológico) quanto no tom (fortemente irônico) da argumentação que ele assume desde a primeira edição de *Contra o Método*.

Contra o Método é o resultado do que seria um “diálogo” entre Feyerabend e Imre Lakatos (1922-1974). Em uma festa, no ano de 1970, Lakatos propôs que Feyerabend colocasse no papel suas “estranhas ideias” para que o próprio Lakatos escrevesse uma réplica. Feyerabend finalizou sua parte em 1972, mas “por circunstâncias bastante misteriosas”¹ o texto não chegou às mãos de Lakatos nesse ano. Em fevereiro de 1974, depois de alguns ajustes, Feyerabend considerou o texto “pronto” para receber as observações de Lakatos, mas recebeu a notícia do falecimento do amigo. Foi então que Feyerabend resolveu publicar, em 1975, sem a réplica de Lakatos, o texto *Contra o Método: esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento*. Como ele mesmo afirma, na primeira edição, a falta de sistematicidade se deve ao fato de o texto ser “(...) uma carta, longa e muito íntima, escrita para Imre, e cada frase perversa que contém foi escrita antecipando frase ainda mais ferina de meu companheiro”² ou,

1 FEYERABEND, 2007, p. 7.

2 FEYERABEND, 1977, p. 7.

na terceira edição, “(...) uma carta a um amigo dirigida às suas idiossincrasias”³.

Desde a sua primeira até a terceira e última edição, o texto passou por importantes modificações que mostram que a “brincadeira assistemática” feyerabendiana comporta uma importante reflexão acerca da ciência e de seu contexto prático. O texto aqui escrito tem como objetivo apresentar, de forma pontual, as modificações ocorridas nas “reescritas” de *Contra o Método*, salientando suas ideias-chave, seus acréscimos e a mudança de perspectiva de Feyerabend, de uma postura crítica-desconstrutiva para uma postura propositiva, de um pensador que alicerça ideias próprias a respeito da ciência. Para tanto, serão comparadas a primeira e a terceira edições do texto.

Num primeiro momento, serão apresentadas algumas modificações formais, como supressão de capítulos, inserção de notas de rodapé e outras para, num segundo momento, serem apresentados os resultados destas modificações no contexto argumentativo geral da obra.

***Contra o Método*: panorama geral da primeira e da terceira edições do texto**

Ao se iniciar a leitura da terceira edição de *Contra o Método*, torna-se evidente o caráter de esclarecimento de ideias presente no texto tardio. Por um lado, nesta última edição, o tom de “homenagem ao amigo Imre” foi diminuído, como é possível perceber com a retirada da dedicatória: “Para Imre Lakatos, amigo e colega anarquista” e de alguns capítulos reservados às ideias lakatosianas, presentes na primeira edição. Por outro lado, em seu prefácio, é apresentada uma explicação mais detalhada da origem do texto e do papel fundamental de Imre Lakatos no processo “criativo” da obra. Nesta terceira edição, há também uma introdução à edição chinesa, na qual é reforçada a perspectiva humanitarista e múltipla de sua abordagem.

Na comparação pontual entre os textos, há a retirada, na terceira edição, do subtítulo: “Esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento”. Da introdução à metade do capítulo 3, há pequenas alterações. O final deste terceiro capítulo foi reescrito, incluindo referência direta a Thomas Kuhn no que diz respeito à questão da proliferação de teorias e aproximação de sua própria abordagem à de Kuhn. Desta forma, apreende-se uma reconsideração de sua opinião anterior, à qual realizou duras críticas ao que, nesta edição, ele considera como ideias semelhantes às suas, exceto por uma pequena diferença:

3 FEYERABEND, 2007, p. 7.

Há numerosos exemplos históricos do processo [de proliferação teórica]⁴ que acabo de descrever e vários autores fizeram comentários a respeito dele. O mais importante autor recente é o professor Thomas Kuhn. Em *The Structure of Science Revolutions* [A estrutura das revoluções científicas] (1962) ele faz uma distinção entre ciência e pré-ciência e, no interior da ciência, entre revoluções e ciência normal. A pré-ciência, de acordo com ele, é totalmente pluralista e, portanto, corre o risco de concentrar-se sobre opiniões em vez de sobre coisas (Bacon defendeu ponto de vista similar). Os dois componentes da ciência madura estão em perfeito acordo com os estágios já mencionados, exceto que Kuhn duvida que a ciência, ou, quanto a isso, qualquer atividade que afirme produzir conhecimento factual, possa funcionar sem um componente normal. (FEYERABEND, 2007, p. 57).

Do capítulo 4 ao capítulo 7 são encontradas alterações de estilo. Estas alterações se referem basicamente às notas de rodapé, as quais algumas são incluídas, reescritas ou integradas ao corpo do texto. Algumas notas aumentam e outras diminuem, referências mais atuais são inseridas e outras, repetitivas ou ultrapassadas, são excluídas.

O capítulo 8, o capítulo 16 e o apêndice 4 da primeira edição, que tratam diretamente da obra de Lakatos, são retirados da terceira edição. O capítulo 18, em que são apresentadas as questões sobre ciência e mito, educação e questões acerca da separação entre ciência e estado, assim como os apêndices 1 e 2, com questões específicas do caso Galileu, também são retirados.

Os capítulos 8, 9, 10 11 e 12 da terceira edição correspondem aos capítulos 9 a 13 da primeira edição, com pequenas e médias alterações. Os capítulos 13 e 14 são novos e se referem ao caso Galileu que começa a ser tratado no capítulo 6. O capítulo 15 equivale à junção dos capítulos 14 e 15 da primeira edição, também com pequenas e médias alterações. O capítulo 16 equivale ao capítulo 17 da primeira edição, com a retirada dos 14 últimos parágrafos e notas correspondentes e com um novo parágrafo final. Os capítulos 17, 18, 19 e 20 são novos.

Por fim, cabe salientar, enquanto mudança formal, a existência de somente dois apêndices na terceira edição, no lugar de cinco apêndices da primeira. Um dos apêndices localiza-se após o capítulo 15 e equivale ao apêndice 3 da primeira edição, o outro localiza-se depois do capítulo 16 e equivale ao apêndice 5 da primeira edição.

Todas estas mudanças não são meramente estilísticas. Elas demonstram que a abordagem feyerabendiana vai se desprendendo de características específicas das abordagens criticadas pelo autor e, com isto,

4 Nota da autora.

ganha, na terceira edição, um corpo argumentativo que vai da crítica à defesa, e não mais à sugestão, de uma racionalidade científica múltipla e contextual. E isto ocorre principalmente pela inserção da noção de “interacionismo”, que propõe a “dialética: razão-prática” às ideias-chave presentes desde a primeira edição da obra, a saber, o anarquismo epistemológico, a contraindução e a incomensurabilidade.

As “ideias-chave” de *Contra o Método*: da crítica ostensiva da primeira edição ao “interacionismo” da terceira edição

Como afirmado anteriormente, a abordagem de *Contra o Método* e o estilo de escrita aí assumidos tiveram como primeiro direcionamento as ideias de Lakatos:

Imre Lakatos era racionalista; assim, o racionalismo desempenha grande papel neste livro. Ele também admirava Popper; portanto, Popper aparece com muito mais frequência do que justificaria sua “importância objetiva”. Imre Lakatos, meio brincando, chamou-me de anarquista, e não tive objeções a vestir a capa de anarquista. Por fim, Imre Lakatos gostava muito de embarçar adversários sérios com gracejos e ironia; assim eu, ocasionalmente, escrevi em uma veia um tanto irônica. (FEYERABEND, 2007, p. 7-8).

Mas, como é possível observar de uma leitura atenta do texto, a crítica de Feyerabend é mais ampla. Sua postura “anarquista” é resultado de uma argumentação longa e consistente, não simplesmente de uma brincadeira, e sua ironia desempenha, em diversos momentos, uma função pedagógica à compreensão de sua proposta.

Esta proposta tem por base a crítica às metodologias (traduzidas em termos de padrões racionais ou racionalismo) do Positivismo Lógico e de Karl Popper (1902-1994), que são assumidas por Feyerabend como representações de abordagens universalistas. Com sua crítica, Feyerabend procura demonstrar não somente as falhas dos critérios do racionalismo vigente, mas também o que efetivamente foi alcançado no âmbito científico, seja pela aplicação de regras do próprio racionalismo ou de procedimentos considerados irracionais na perspectiva racionalista.

Desde a primeira edição do texto, a argumentação feyerabendiana desenvolvida em *Contra o Método* gira em torno de três ideias-chave: o anarquismo epistemológico, a contraindução e a incomensurabilidade. Na terceira edição, junta-se a tais ideias a ideia de “interacionismo”, a qual traz o diferencial da argumentação “positiva” feyerabendiana presente nesta edição, ou seja, da argumentação que mantém seus traços de crítica ao universalismo racionalista, mas que, não se reduzindo à crítica, aponta tra-

ços de uma racionalidade científica com características próprias, como as características da pluralidade e contextualidade, por exemplo.

Anarquismo Epistemológico

A primeira ideia-chave presente em *Contra o Método* é o anarquismo epistemológico. O anarquismo epistemológico é uma crítica direta ao racionalismo compreendido em termos de obediência a padrões fixos, traduzidos em algo como o método da ciência e que tenha por pretensão demarcar o que seja científico. Feyerabend procura demonstrar que as situações de pesquisa científica são diversas e variáveis e que, por isto, na investigação prática, regras pretensamente universais frequentemente falham onde deveriam fornecer uma base segura de orientação. Se regras que devem ser aplicadas a toda e qualquer situação de pesquisa são, não raramente, violadas, isto revela que os critérios da ciência propostos pelo racionalismo criticado pelo autor conduzem, em última análise, a pesquisas sem critérios ou a um “anarquismo”. Isto porque os únicos critérios passíveis de serem assumidos como científicos (em função da própria universalidade proposta) não são seguidos em determinadas situações.

Apesar dessa postura, o anarquismo epistemológico apresentado por Feyerabend não se converte simplesmente em uma análise negativa da ciência e de seu racionalismo. O autor não nega que as pesquisas sejam orientadas por padrões e regras que intervenham nas decisões acerca de procedimentos, hipóteses e teorias. O fato de Feyerabend salientar a limitação das regras do racionalismo não o conduz à afirmação de que estas são desprovidas de importância e devem ser completamente abandonadas. Embora elas não se apliquem a todas as situações (como pretende o racionalismo), elas também permitem que se chegue a situações de sucesso científico. O autor afirma que todas as regras têm os seus limites, mas não que se deva proceder sem elas.

O anarquismo feyerabendiano não envolve a recusa de todo princípio, de todas as regras e critérios na orientação de uma pesquisa, mas a recusa de um princípio absoluto que oriente todas as pesquisas. Esta postura já está presente na primeira edição do texto, mas é na terceira edição que o autor especifica alguns pontos, distinguindo, no capítulo 18, seu anarquismo de um anarquismo ingênuo, por exemplo:

[...] Um anarquista ingênuo diz (a) que tanto as regras absolutas quanto as dependentes do contexto têm seus limites e conclui (b) que todas as regras e critérios são inúteis e devem ser postos de lado. A maior parte dos comentadores considera-me um anarquista ingênuo neste sentido, esquecendo as numerosas passagens onde mostro que certos procedimentos *ajudaram* os cientistas na sua in-

investigação. [...] embora eu concorde com (a), não concordo com (b). Sustento que todas as regras têm seus limites e que não existe uma “racionalidade” englobante. Não sustento que devemos proceder sem regras nem critérios [...]. (FEYERABEND, 1993, p. 231 – grifo no original; tradução da autora).

É neste contexto “anarquista” que o autor professa, para aqueles que não conseguem evitar a busca de um princípio que possa ser aplicável a todo e qualquer contexto, o princípio metodológico *tudo vale* (*anything goes*). *Tudo vale* é uma expressão da crítica de Feyerabend à busca de regras que sejam aplicáveis a todos os momentos do fazer científico.

Em síntese, é possível afirmar que o princípio *tudo vale* permite apreender o *anarquismo epistemológico* nos termos de uma proposta metodológica pluralista para o âmbito científico. Esse pluralismo é sustentado pelo que Feyerabend denomina de *princípio de proliferação* de ideias e teorias.

O princípio de proliferação conduz Feyerabend a afirmar o crescimento do conhecimento, na medida em que a proliferação significa não suprimir “nem o mais estranho produto do cérebro”, ou seja, aquelas ideias que podem ser consideradas absurdas ou inúteis à aquisição do conhecimento científico, tais como as expressas na poesia, na música ou nos dogmas teológicos. Isto, segundo o autor, permite à ciência tornar-se mais humanitária, e, ao indivíduo, tornar-se mais livre quanto a suas ideias e valores científicos.

Em última análise, o anarquismo epistemológico, ideia fundamental de *Contra o Método* e que, por muitos críticos, identifica Feyerabend como um inimigo da ciência, é um anarquismo que sustenta a atitude do cientista de agir de acordo com as circunstâncias que se apresentam a ele, procurando rejeitar qualquer tipo de universalização de padrões e princípios. Isto não implica a defesa de uma situação caótica no âmbito científico, mas, antes, o esclarecimento das limitações e contextos de aplicação de regras em pesquisas e empreendimentos na ciência, respeitando o pluralismo de concepções.

Contraindução

A segunda ideia-chave encontrada em *Contra o Método* é a da contraindução. A contraindução é o resultado da conjunção do anarquismo epistemológico com a crítica feyerabendiana ao fundacionalismo empirista. A contraindução vai de encontro à orientação do empirismo indutivista de somente aceitar teorias que concordem com dados bem estabelecidos. Neste sentido, o procedimento contraindutivo caracteriza-se pela in-

trodução de “dispositivos de detecção” dos elementos teóricos contidos nos dados e não apreendidos num primeiro exame. Nas palavras de Feyerabend:

As teorias são testadas, e possivelmente refutadas, pelos fatos. Os fatos contêm componentes ideológicos, visões mais antigas que se perderam de vista ou talvez nunca tenham sido formuladas de uma maneira explícita. Tais componentes são altamente suspeitos. Primeiro, porque de sua idade e origem obscuras: nós não sabemos por que e como eles foram introduzidos; em segundo lugar, porque sua própria natureza os protege, e sempre os tem protegido, do exame crítico. Num evento de contradição entre uma nova e interessante teoria e uma coleção de fatos firmemente estabelecidos, o melhor procedimento, portanto, não é abandonar a teoria, mas usá-la para descobrir os princípios ocultos responsáveis pela contradição. A contraíndução é uma parte essencial de tal processo de descoberta. (FEYERABEND, 1993, pp. 61-62 – tradução da autora).

Ela ataca, assim, a atitude racional caracterizada pelas seguintes regras: (1) só aceitar hipóteses que se ajustem a teorias confirmadas ou corroboradas (condição de consistência); (2) eliminar hipóteses que não se ajustem a fatos bem estabelecidos; regras que, para Feyerabend, exprimem a visão indutivista.

A atitude do autor é, primeiramente, mostrar a irracionalidade do racionalismo (traduzido em termos de indutivismo), quando compreendido dentro de seus próprios pressupostos; e, num segundo momento, mostrar a razoabilidade, não exclusiva, desta aparente irracionalidade.

No primeiro movimento, Feyerabend mostra que a regra (1) não se sustenta, na medida em que essa regra, ao tornar irrelevante a exploração de alternativas teóricas para o acesso à experiência, supõe que a experiência seja capaz de revelar-se independentemente da teoria que a condiciona, tornando-se padrão de avaliação do conteúdo empírico de uma teoria. Feyerabend mostra que não há separação entre teoria e experiência, mas a interação entre os termos teóricos e os dados da experiência, o que é admitido até mesmo por racionalistas como Popper e Lakatos.

A regra (2), por sua vez, eliminaria toda teoria, pois não há uma só teoria que concorde quantitativa e qualitativamente com todos os fatos de seu domínio. Assim, o único procedimento possível dentro do racionalismo seria agir de forma irracional, ou seja, violar constantemente as regras que, nesta perspectiva, tornariam a ciência racional. A argumentação do autor baseia-se em exemplos da história da física, com os quais ele mostra não somente que foi impossível sustentar tais regras, mas que o procedimento oposto às mesmas foi o que permitiu o progresso da ciência.

É nesse momento que Feyerabend passa da apresentação do que seria irracionalidade, segundo o racionalismo, para a apresentação da razoabilidade, não exclusiva, desta irracionalidade. O autor define essa irracionalidade em termos de contraindução, caracterizada pelas seguintes *contrarregras* (opostas às regras do indutivismo ou racionalismo): (1) introduzir hipóteses que não se ajustem a teorias aceitas e confirmadas; (2) introduzir hipóteses que não se ajustem a fatos bem estabelecidos; regras que consolidam o *princípio de proliferação* proferido por ele e, conseqüentemente, o *anarquismo epistemológico*.

A contraindução apresenta-se como razoável, na medida em que as *contrarregras* que a caracterizam aparecem como necessárias à observação dos fenômenos e à discussão crítica pretendidas pelo racionalismo, o que é, segundo ele, confirmado por um exame da prática científica.

Esta ideia-chave, trabalhada no capítulo 6 da obra, mantém-se da primeira à terceira edição de *Contra o Método* sem modificações.

Incomensurabilidade

A terceira ideia-chave de *Contra o Método*, e que também se mantém sem significativas modificações nas edições da obra, é a defesa feyerabendiana da incomensurabilidade. A tese de Feyerabend acerca da *incomensurabilidade*, ou seja, da existência e desejabilidade metodológica de teorias rivais incomensuráveis, surge da crítica do autor à condição de invariância do sentido. De acordo com essa condição, há termos fundamentais cujo sentido permanece invariável, independentemente do contexto teórico do qual façam parte.

A argumentação do autor é sustentada por uma “teoria contextual do sentido”, segundo a qual o sentido de um termo não é intrínseco a ele, dependendo, assim, do contexto teórico do qual faz parte. De acordo com esse ponto de vista, se os principais termos de uma teoria não se encaixam com os termos fundamentais de outra teoria ou se há conseqüências divergentes em alguns domínios, alguns dos termos de ambas as teorias não devem ter o mesmo sentido em cada um dos contextos. E, mais amplamente, se as teorias contiverem termos fundamentais que não possam ser ligados por hipóteses empiricamente corretas e com sentido, o sentido de cada termo será diferente em cada teoria e, neste âmbito, as teorias serão incomensuráveis.

Da crítica à condição de invariância do sentido, Feyerabend parte, então, para a apresentação e defesa da *incomensurabilidade*. O autor apresenta três teses principais a favor da *incomensurabilidade*. Estas devem ser consideradas resumos de materiais antropológicos apreendidos através de procedimentos análogos aos dos antropólogos ao estudarem

a cosmologia de uma tribo. Na descrição de Feyerabend, o antropólogo aprende a língua e os hábitos da tribo e, investigando as relações destes com outras atividades, procura identificar as ideias-chave. Ele tenta, então, compreender essas ideias, interiorizando-as, sem buscar “traduções prematuras”. Depois de concluídos seus estudos, através do conhecimento da sociedade nativa e de seu próprio desenvolvimento pessoal, pode estabelecer comparações entre, por exemplo, o modo de pensar inglês e o nativo e decidir acerca da possibilidade ou não de reproduzi-lo na linguagem ocidental. (FEYERABEND, 1993, cap. XVI).

Inspirado nesses procedimentos, Feyerabend expõe suas teses. Na primeira delas, o autor defende a existência de esquemas de pensamento incomensuráveis entre si. Na segunda, defende estágios incomensuráveis no desenvolvimento da percepção e do pensamento no indivíduo e, na terceira, a incomensurabilidade de princípios ontológicos condicionantes de ideologias subjacentes a diferentes culturas e que tornam sem sentido certos princípios e agem à base das cosmovisões encerradas nas teorias científicas.

No interior da ciência, a incomensurabilidade, estreitamente relacionada ao sentido, depende do modo como são interpretadas as teorias. Na perspectiva feyerabendiana, a mera diferença conceitual não é suficiente para tornar duas teorias incomensuráveis. Para ocorrer a incomensurabilidade, o uso de qualquer conceito de uma das teorias deve tornar sem sentido os conceitos da outra, o que ocorre quando há teorias abrangentes, com diferentes fundamentos ontológicos. Essas teorias, além de darem conta, nos seus próprios termos, de todos os fenômenos do seu domínio, fornecem meios de proceder aos seus próprios testes, delimitando o âmbito dos fatos possíveis e possíveis questionamentos.

Uma objeção a essa postura afirma que a *incomensurabilidade* impede a refutação empírica e as decisões e escolhas entre teorias através de razões empíricas. Feyerabend, em resposta a esta objeção, diz que, embora caiba exigir de uma teoria apenas o que ela promete, as previsões que estabelece geralmente dependem de enunciados e de condições iniciais e, deste modo, ela pode ser confrontada com a experiência. Há, nesta perspectiva, comparação e decisão entre teorias, embora não seja comparação semântica.

Para Feyerabend, dentro de um mesmo contexto cosmológico, os juízos de verossimilhança são possíveis. Caso esses contextos sejam diferentes, devem ser consideradas contradições internas às teorias estabelecidas, juízos estéticos, de gosto e outros “desejos subjetivos”.

A tese da incomensurabilidade, através da consideração de diferentes modos de apreensão do mundo, reafirma o pluralismo metodológico

apresentado por Feyerabend e, por consequência, o *anarquismo epistemológico*. Além disso, amplia a proposta do autor acerca da contraindução, na medida em que professa: não somente é desejável a invenção de teorias inconsistentes com teorias bem estabelecidas, como também faz parte do crescimento do conhecimento a existência, num mesmo domínio de fatos, de alternativas teóricas incomensuráveis com teorias aceitas.

Neste contexto de ideias, é possível afirmar que a proposta inicial de *Contra o Método* é mostrar a ineficácia de um conjunto fixo e universal de regras orientador do “fazer científico”. O anarquismo epistemológico feyerabendiano, alicerçado na proliferação, é expresso como um pluralismo teórico e metodológico. Isto é reafirmado pela proposta da contraindução, que apresenta a multiplicidade por meio da defesa da invenção de teorias inconsistentes com teorias bem estabelecidas, e pela sua “tese” da incomensurabilidade, que procura afastar a possibilidade de apreensão uníforme da realidade.

No decorrer das três edições de *Contra o Método*, o que se apreende é, por um lado, a manutenção destas ideias-chave e, por outro, a partir de tais ideias, uma diminuição da postura “terrorista” para a construção de uma abordagem mais positiva. Esta abordagem positiva é identificada na concepção “interacionista” presente na terceira edição do texto⁵, mostrando a mudança de perspectiva da abordagem feyerabendiana da primeira à terceira edição.

Interacionismo

Na terceira edição de *Contra o Método*, Feyerabend analisa as relações entre princípios universais e contextualização de forma mais detalhada. Essas relações estão expressas nas reflexões do autor acerca das interações entre ciência (ou prática) e razão (ou racionalidade)⁶:

[...] a razão, pelo menos sob a forma em que é defendida pelos lógicos, filósofos e alguns cientistas, não corresponde à ciência e poderia não ter contribuído para o seu crescimento. Esse é um bom argumento contra aqueles que admitem a ciência e também são escravos da razão. Eles devem agora fazer uma escolha. Eles podem ficar com a ciência; podem ficar com a razão; não podem ficar com ambas. [...] não há caminho simples de guiar a prática por meio de regras ou de criticar padrões de racionalidade através de uma prática. (FEYERABEND, 1993, p. 241 – tradução da autora).

5 Sobre tudo nos novos capítulos presentes na terceira edição.

6 Nesse momento, Feyerabend identifica ciência com prática e razão com racionalidade, para salientar a existência efetiva de uma multiplicidade de empreendimentos científicos e a apreensão, de algumas filosofias da ciência, de estabelecer padrões universais de orientação desses empreendimentos. Com isto, Feyerabend objetiva examinar as possibilidades de relações dessa multiplicidade com esses padrões.

Feyerabend inicia suas reflexões afirmando a possibilidade de apreensão de três pontos de vista com respeito à relação entre razão e prática. São eles: *idealismo*, *naturalismo* e *anarquismo ingênuo*.

Na perspectiva do idealismo, a razão guia a prática, ou seja, a razão orienta a prática de acordo com suas próprias exigências. Para Feyerabend, as dificuldades desta proposta residem no fato de que o idealista deseja “agir racionalmente” e pretende que suas ações racionais conduzam a resultados que não apenas tornam-se efetivos no âmbito das idealizações que utiliza, mas também no contexto real do mundo onde habita. Isto geralmente não é possível. (FEYERABEND, 1993, cap. XVII).

Nestes termos, o conflito entre a racionalidade e as expectativas foi, segundo Feyerabend, um dos principais motivos da constante reformulação dos cânones da racionalidade, encorajando, assim, o surgimento do naturalismo.

Do ponto de vista do naturalismo, a razão recebe conteúdo e autoridade da prática, descrevendo o modo como a prática funciona e formulando seus princípios subjacentes. Para Feyerabend, o naturalismo também não é satisfatório, na medida em que seus critérios de orientação são extremamente limitados e não apresentam critérios de escolha entre práticas. Com respeito às dificuldades do idealismo e naturalismo, Feyerabend afirma:

As dificuldades do naturalismo e do idealismo têm certos elementos em comum. A inadequação de padrões frequentemente torna clara a insuficiência da prática que engendram, e as limitações das práticas são frequentemente muito óbvias, quando se desenvolvem práticas baseadas em diferentes padrões. (FEYERABEND, 1993, p. 223 – grifo no original; tradução da autora).

O *anarquismo ingênuo*, por sua vez, já referido anteriormente, afirma a limitação e inutilidade de todas as regras e critérios no âmbito científico. Feyerabend critica esta posição, na medida em que, na sua perspectiva, as pesquisas têm de ser orientadas por regras e princípios. O que o autor rejeita são regras e princípios universais independentes de contextualização, não todo e qualquer tipo de padrão de orientação de pesquisas.

Da análise e crítica desses pontos de vista acerca das interações entre razão e prática, Feyerabend propõe, então, o que denomina de *interacionismo*.

[...] eu sugiro uma nova *relação* entre regras e práticas. É esta relação e não qualquer conteúdo de regras particular que caracteriza a posição que eu desejo defender. Essa posição adota alguns elementos do *naturalismo*, mas rejeita a filosofia naturalista. (FEYERABEND, 1993, p. 230 – grifo no original; tradução da autora).

O naturalismo diz que a razão é completamente *determinada* pela pesquisa. Disto conservamos a ideia segundo a qual a pesquisa pode mudar a razão. O idealismo diz que a razão *governa* completamente a pesquisa. Disto conservamos a ideia segundo a qual a razão pode mudar a pesquisa. Combinando os dois elementos, chegamos à ideia de *um guia que é parte da atividade guiada e transformado por ela*. Isto corresponde à visão interacionista da razão e da prática [...]. (FEYERABEND, 1993, p. 232 – grifo no original; tradução da autora).

A posição interacionista de Feyerabend afirma que a razão se constitui num guia para a prática, ao mesmo tempo que, pela sua aplicabilidade a uma situação prática específica, ela é modificada, corrigida e aperfeiçoada. Não há, neste contexto, privilégio da razão sobre a prática nem da prática sobre a razão, ambas são necessárias e não podem existir independentemente uma da outra. Como o próprio autor afirma: “[...]razão e prática não são dois tipos diferentes de entidades, mas *partes de um só processo dialético*.” (FEYERABEND, 1993, p. 223 – grifo no original; tradução da autora).

Assim, os padrões racionais não são considerados fixos, universais, com autoridade independente do contexto específico ao qual se aplicam, nem são totalmente vazios, preenchendo-se única e exclusivamente através do conteúdo fornecido pela prática. Esses padrões são flexíveis, eles contêm idealizações que podem ser transformadas ou substituídas, dependendo do material histórico e contextual com o qual venham a interagir. A prática, por sua vez, não é simplesmente o material bruto que é regulado pela razão, nem simplesmente o que permite à razão mover-se num âmbito concreto. A razão depende da prática para que seus princípios sejam compreendidos e efetivados, e a prática depende da razão para que seus conteúdos sejam organizados. Essa dependência traduz-se em termos de interação, na qual a própria prática só é apreendida como tal na sua relação com a razão e vice-versa.

Esse modo de apreensão das relações entre razão e prática conduz Feyerabend a afirmar que ambas (razão e prática) são “prática”:

O que é chamado “razão” e “prática” são dois tipos diferentes de prática, estando a diferença em que um exhibe claramente alguns aspectos formais simples e facilmente documentáveis, fazendo-nos, assim, esquecer as propriedades complexas e dificilmente entendidas que garantem a simplicidade e a documentabilidade, enquanto o outro esconde os aspectos formais sob uma grande variedade de propriedades acidentais. (FEYERABEND, 1993, p. 224 – grifo no original; tradução da autora).

O autor, ao afirmar que prática e razão são diferentes tipos de prática, amplia suas reflexões e procura também analisar como procedem as relações entre a prática científica, a prática racional e outras práticas ou, do modo como o autor alude, a tradição científica, a tradição racional e outras tradições.

O interacionismo permite a compreensão da posição de Feyerabend acerca das relações entre os princípios racionais e a prática efetiva da ciência, conduzindo à compreensão do que pode ser considerado a racionalidade científica, na perspectiva feyerabendiana. O autor descarta a existência de uma razão universal independente da prática e contextualiza a racionalidade (ou razão).

Deste modo, torna-se possível afirmar que Feyerabend com sua obra *Contra o Método* não simplesmente buscou desconstruir perspectivas universalistas, mas, desde a sua primeira versão do texto, ele já sugeriu e, na sua última versão, defendeu ostensivamente uma racionalidade científica para além da universalização.

Para além de uma crítica às metodologias universalistas, *Contra o Método*, com suas ideias-chave e acréscimos, nos permite afirmar a existência não da racionalidade, compreendida nos termos de um padrão universal, mas de *racionalidades* que traduzem a dinamicidade do empreendimento científico.

Considerações finais

A oportunidade de ler e reler as distintas edições de *Contra o Método* de Paul Feyerabend é sempre instrutiva e motivadora de uma análise crítica da ciência e dos cientistas. O impacto das ideias do “anarquista epistemológico” ou do “terrorista epistemológico”, quer na primeira ou na última “versão” de sua “colagem”, como ele mesmo identifica em sua autobiografia: “*CM* não é um livro, é uma colagem”, nos permite refletir a respeito do status da ciência e de sua racionalidade.

Feyerabend, com seu estilo polêmico e vibrante, propõe que se encare a ciência dentro da multiplicidade de sua prática real, recusando a ideia tradicional de que o método, através da orientação universal e imutável de pesquisas, permite a demarcação do conhecimento científico. O autor, através de sua crítica ao racionalismo (caracterizado pela universalização de critérios) e de sua proposta de análise da ciência, recusa a pretensão de isolar a ciência como a única e legítima maneira de os seres humanos compreenderem o mundo que os rodeia.

Em *Contra o Método*, a crítica feyerabendiana do método sugere, assim, o abandono da busca de critérios de demarcação entre filosofia,

ciência e outros tipos de sistemas, estimulando as interações entre pensamento científico e outras formas de pensamento. Deste modo, a proposta de Feyerabend pode ser compreendida, também, como uma contribuição para uma filosofia da cultura, na medida em que questiona radicalmente as relações entre pensamento científico (institucionalizado e “poderoso”) e diferentes formas de compreensão do mundo e expressão de ideias. Ele procura salientar a utilização da ciência como instrumento de poder e dominação cultural, tanto no interior das tradições como nas relações mais amplas entre as tradições. Neste contexto, o autor sugere que a ciência interaja com outras formas de apreensão da natureza e passe a ser encarada como um espaço de diálogo entre culturas e civilizações.

As teses feyerabendianas suscitam um grande número de críticas e provocam amplas discussões no ambiente científico e filosófico, sendo inegável seu impacto no contexto de reflexões acerca da ciência. Estas reflexões conduzem a construções e desconstruções a respeito dos limites entre racional e irracional e ajuda na compreensão efetiva de episódios da prática científica.

Tentou-se, assim, mostrar que, nas distintas versões de *Contra o Método*, o que alguns chamam de amadurecimento das ideias de Feyerabend nada mais é do que a aplicação de sua abordagem (de dinamicidade do pensamento) ao seu próprio trabalho. Isto, diga-se de passagem, revela toda a honestidade, minúcia e autocrítica dignas de um grande pensador.

Referências

- FEYERABEND, Paul. *Contra el Método*. Barcelona: Editorial Ariel, 1974.
- _____. *Contra o Método*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1977.
- _____. *Against Method*. 3rd edition, London: Verso, 1993.
- _____. *Contra o Método*. Tradução de Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Editora Unesp, 2007 (tradução da edição inglesa de 1993).
- _____. *Matando o tempo: uma autobiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996.

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – José Nedel
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Edla Eggert
- N. 03 *O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 04 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Sonia Montañó
- N. 05 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 06 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Manfred Zeuch
- N. 07 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Renato Janine Ribeiro
- N. 08 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Suzana Klipp
- N. 09 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Márcia Lopes Duarte
- N. 10 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Valério Cruz Brittos
- N. 11 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Édison Luis Gastaldo
- N. 12 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Márcia Tiburi
- N. 13 *A domesticação do exótico* – Paula Caleffi
- N. 14 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Edla Eggert
- N. 15 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Gunter Axt
- N. 16 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Stela Nazareth Meneghel
- N. 17 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Débora Krichke Leitão
- N. 18 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Mário Maestri
- N. 19 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Maria da Conceição de Almeida
- N. 20 *Os donos do Poder, de Raymond Faoro* – Helga Irace-ma Ladgraf Piccolo
- N. 21 *Sobre técnica e humanismo* – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 22 *Construindo novos caminhos para a intervenção sociotária* – Lucilda Selli
- N. 23 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Paulo Henrique Dionísio
- N. 24 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Valério Rohden
- N. 25 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Miriam Rossini
- N. 26 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Nisia Martins do Rosário
- N. 27 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 28 *O modo de objetivação jornalística* – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 29 *A cidade afetada pela cultura digital* – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 30 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS* – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 31 *Getúlio, romance ou biografia?* – Juremir Machado da Silva
- N. 32 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – André Gorz
- N. 33 *A meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades* – André Sidnei Muskopf
- N. 34 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 35 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Marco Aurélio Santana
- N. 36 *Adam Smith: filósofo e economista* – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos
- N. 37 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Airton Luiz Jungblut
- N. 38 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Fernando Ferrari Filho
- N. 39 *Rosa Egipcíaca: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Luiz Mott
- N. 40 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Gentil Corazza
- N. 41 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – Adriana Braga
- N. 42 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Leda Maria Paulani
- N. 43 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 44 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leister, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 45 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Gérard Donnadieu
- N. 46 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Lothar Schäfer
- N. 47 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Ceres Karam Brum
- N. 48 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Achyles Barcelos da Costa
- N. 49 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Gérard Donnadieu
- N. 50 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 51 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Evilázio Teixeira
- N. 52 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éida Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 53 *Ética e emoções morais – Thomas Kesseling*
- N. 54 *Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Adriano Naves de Brito
- N. 55 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Fernando Haas
- N. 56 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – An Vranckx
- N. 57 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Gilberto Dupas
- N. 58 *O crescimento como condição de uma sociedade convívio* – Serge Latouche
- N. 59 *A natureza da natureza: auto-organização e caos* – Günter Küppers
- N. 60 *Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades* – Hazel Henderson
- N. 61 *Globalização – mas como?* – Karen Gloy
- N. 62 *A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida* – Cesar Sanson
- N. 63 *Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo* – Regina Zilberman

- N. 62 *Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história* – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 *Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude* – Cátia Andressa da Silva
- N. 64 *Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo* – Artur Cesar Isia
- N. 65 *Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical* – Léa Freitas Perez
- N. 66 *Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675)* – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 *Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa* – João Guilherme Barone
- N. 68 *Contingência nas ciências físicas* – Fernando Haas
- N. 69 *A cosmologia de Newton* – Ney Lemke
- N. 70 *Física Moderna e o paradoxo de Zenon* – Fernando Haas
- N. 71 *O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade* – Miriam de Souza Rossini
- N. 72 *Da religião e de juventude: modulações e articulações* – Léa Freitas Perez
- N. 73 *Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa* – Eduardo F. Coutinho
- N. 74 *Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho* – Mário Maestri
- N. 75 *A Geologia Arqueológica na Unisinos* – Carlos Henrique Nowatzki
- N. 76 *Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto* – Ana Maria Lugão Rios
- N. 77 *Progresso: como mito ou ideologia* – Gilberto Dupas
- N. 78 *Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda* – Octavio A. C. Conceição
- N. 79 *Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul* – Moacyr Flores
- N. 80 *Do pré-urbano ao urbano: A cidade missionária colonial e seu território* – Arno Alvarez Kern
- N. 81 *Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula* – Gláucia de Souza
- N. 82 *Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de "sindicalismo populista" em questão* – Marco Aurélio Santana
- N. 83 *Dimensões normativas da Bioética* – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
- N. 84 *A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza* – Attico Chassot
- N. 85 *Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo* – Patrícia Almeida Ashley
- N. 86 *Autonomia na pós-modernidade: um delírio?* – Mario Fleig
- N. 87 *Gauchismo, tradição e Tradicionalismo* – Maria Eunice Maciel
- N. 88 *A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz* – Marcelo Perine
- N. 89 *Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade* – Laurício Neumann
- N. 90 *Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 91 *Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 92 *Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática* – Daiane Martins Bocasanta
- N. 93 *A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro* – Carlos Alberto Steil
- N. 94 *Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos* – Cesar Sanson
- N. 95 *De volta para o futuro: os precursores da nanotecnologia* – Peter A. Schulz
- N. 96 *Vianna Moog como intérprete do Brasil* – Enildo de Moura Carvalho
- N. 97 *A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica* – Marín Andrea Kunz
- N. 98 *Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões* – Susana Maria Rocca Larrosa
- N. 99 *Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house* – Vanessa Andrade Pereira
- N. 100 *Autonomia do sujeito moral em Kant* – Valério Rohden
- N. 101 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1* – Roberto Camps Moraes
- N. 102 *Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência* – Adriano Premevida
- N. 103 *ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso* – Eliane Schlemmer
- N. 104 *As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2* – Roberto Camps Moraes
- N. 105 *Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas* – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 *Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos* – Paula Corrêa Henning
- N. 107 *Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine* – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 *Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, temo e democrático?* – Telmo Adams
- N. 109 *Transumanismo e nanotecnologia molecular* – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 *Formação e trabalho em narrativas* – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 *Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração* – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 *A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda* – Denis Gerson Simões
- N. 113 *Isto não é uma janelas: Flusser, Surrealismo e o jogo contra* – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 *SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro* – Sonia Montano
- N. 115 *Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites* – Carlos Daniel Baio
- N. 116 *Humanizar o humano* – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 *Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião* – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 *Colonizando e descolonizando mentes* – Marcelo Dascal
- N. 119 *A espiritualidade como fator de proteção na adolescência* – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 *A dimensão coletiva da liderança* – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 *Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos* – Eduardo R. Cruz
- N. 122 *Direito das minorias e Direito à diferenciação* – José Rogério Lopes
- N. 123 *Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de modelos regulatórios* – Wilson Engelmann
- N. 124 *Desejo e violência* – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 *As nanotecnologias no ensino* – Solange Binotto Fagan
- N. 126 *Câmara Cascudo: um historiador católico* – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 *O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel*
- N. 128 *Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética* – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Pettele
- N. 129 *Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida* – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 *Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável* – Paulo Roberto Martins

- N. 131 *A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária* – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 *Linguagem, singularidade e atividade de trabalho* – Marlene Teixeira e Ederson de Oliveira Cabral
- N. 133 *A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann* – Leonardo Grison
- N. 134 *Motores Biomoleculares* – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 *As redes e a construção de espaços sociais na digitalização* – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 *De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras* – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 *Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas* – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 *As sociedades indígenas e a economia do dom: o caso dos guaranis* – Maria Cristina Bohn Martins
- N. 139 *Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades* – Marise Borba da Silva
- N. 140 *Platão e os Guarani* – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 *Direitos humanos na mídia brasileira* – Diego Airoso da Motta
- N. 142 *Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio* – Greycy Vargas
- N. 143 *Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito* – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 *Inclusão e Biopolítica* – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 *Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente* – Bianca Sordi Stock
- N. 146 *Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD* – Camila Moreno
- N. 147 *O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais* – Caetano Sordi
- N. 148 *Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS* – Fernanda Schutz
- N. 149 *Cidadania, autonomia e renda básica* – Josué Pereira da Silva
- N. 150 *Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética* – José Rogério Lopes
- N. 151 *As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 *Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou "por que voltar ao México 100 anos depois"* – Claudia Wasserman
- N. 153 *Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate* – Stefano Zamagni
- N. 154 *Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaikwa e guarani Te'yikue no município de Caaraó-MS* – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 *Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica* – Stefano Zamagni
- N. 156 *Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva* – Máio Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 *Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento* – Stefano Zamagni
- N. 158 *"Passemos para a outra margem": da homofobia ao respeito à diversidade* – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 *A ética católica e o espírito do capitalismo* – Stefano Zamagni
- N. 160 *O Slow Food e novos princípios para o mercado* – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 *O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião* – André Brayner de Farias
- N. 162 *O modus operandi das políticas econômicas keynesianas* – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 *Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimizações culturais de mestres populares paulistas* – André Luiz da Silva
- N. 164 *Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich?* – Serge Latouche
- N. 165 *Agostos! A "Crise da Legalidade": vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre* – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 *Convivialidade e decrescimento* – Serge Latouche
- N. 167 *O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga* – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 *O decrescimento e o sagrado* – Serge Latouche
- N. 169 *A busca de um ethos planetário* – Leonardo Boff
- N. 170 *O salto mortal de Louk Hulsmans e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo* – Marco Antonio de Abreu Scapini
- N. 171 *Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes* – Gerson Egas Severo
- N. 172 *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais* – Bruno Pucci
- N. 173 *Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral* – João Roberto Barros II
- N. 174 *Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas* – Marcelo Fabri
- N. 175 *Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes* – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 *Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas* – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 *Um caminho de educação para a paz segundo Locke* – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 *Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente, solo pica a los descalzos* – Lenio Luiz Streck
- N. 179 *Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau* – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 *Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização* – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 *Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade* – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 *Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro* – José Rogério Lopes
- N. 183 *A Europa e a ideia de uma economia civil* – Stefano Zamagni
- N. 184 *Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como "discurso-limite")* – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 *A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade* – Stefano Zamagni
- N. 186 *A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados* – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 *Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil* – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 *Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção* – Luis David Castiel
- N. 189 *Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero* – Marlene Tamanini
- N. 190 *Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito* – Claudia Fonseca
- N. 191 *#VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras* – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci

- N. 192 *A ciência em ação de Bruno Latour* – Leticia de Luna Freire
- N. 193 *Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica* – Rodrigo Ciconet Domelles
- N. 194 *A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade* – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 *Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica* – Pedro Henrique de Morais Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 *A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico* – Adolfo Nicolás
- N. 197 *Brasil: verso e reverso constitucional* – Fábio Konder Comparato
- N. 198 *Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva* – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 *Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI* – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari
- N. 200 *Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia* – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 *Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética* – Jordi Maiso
- N. 202 *Fim da Política, do Estado e da cidadania?* – Roberto Romano
- N. 203 *Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania* – Maria da Glória Gohn
- N. 204 *As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend* – Miguel Ángel Flach
- N. 205 *Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro* – Fábio Konder Comparato
- N. 206 *Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual* – Karla Saraiva
- N. 207 *Territórios da Paz: Territórios Produtivos?* – Giuseppe Cocco
- N. 208 *Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro* – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 *As possibilidades da Revolução em Ellul* – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 *A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben* – Márcia Rosane Junges
- N. 211 *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo* – Sandra Caponi
- N. 212 *Verdade e História: arqueologia de uma relação* – José D'Assunção Barros
- N. 213 *A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ* – José Odello Schneider
- N. 214 *Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze* – Sandro Chignola
- N. 215 *Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação* – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 *A realidade complexa da tecnologia* – Alberto Cupani
- N. 217 *A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend* – Hans Georg Flickinger
- N. 218 *O ser humano na idade da técnica* – Humberto Galimberti
- N. 219 *A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre* – Halina Macedo Leal
- N. 220 *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil* – José Eduardo Franco
- N. 221 *Neurofuturos para sociedades de controle* – Timothy Lenoir
- N. 222 *O poder judiciário no Brasil* – Fábio Konder Comparato
- N. 223 *Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão* – Jesús Conill Sancho
- N. 224 *O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867)* – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 *O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais* – Xavier Albó
- N. 226 *Justiça e perdão* – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 *Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor)* – Martín Almada
- N. 228 *A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo* – Sandro Chignola
- N. 229 *Um olhar biopolítico sobre a bioética* – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 *Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil* – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 *Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida* – Jesús Conill Sancho
- N. 232 *Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul* – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 *Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança* – Elsa Cristine Bevilan
- N. 234 *O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira* – Rôber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 *Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945)* – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 *Economias Biopolíticas da Dívida* – Michael A. Peters



Halina Macedo Leal é graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, realizou mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP. Como parte de sua pesquisa de doutorado intitulada “A Desunificação Metodológica da Ciência e o Relativismo Epistemológico”, desenvolveu estágio na Universidade de Stanford, Califórnia, EUA, sob a supervisão de Timothy Lenoir.

Obras da autora

LEAL, H. M. *Paul Feyerabend e as Possibilidades Racionais da Ciência*. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2011. v. 1000. 107p.

LEAL, H. M. Racionalidade Científica Contextual: uma proposta. *Filosofia Unisinos*, v. 8, p. 191-201, 2007.

Outras contribuições da autora

LEAL, H. M.; *A racionalidade contextualizada em Feyerabend e suas implicações éticas: um paralelo com Alasdair McIntyre*. Cadernos IHU ideias, v 13, n. 219, p. 1 – 27, 2015.

LEAL, H. M. FLACH, M.; *O paradoxo tecnocientífico – Avanços tecnológicos e estagnação ética* [20/10/2014]. Revista IHU On-Line, nº 456. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Entrevista concedida à Márcia Junges e Ricardo Machado.



UNISINOS